

Tio Henrique, e o pedreiro que assobiava

[27/04/1986]

Fazia já semanas que eu vinha pensando em escrever algo sobre o Primeiro de Maio e sobre os trabalhadores. Semanas apertadas, não. Anos, muitos anos. Desde a adolescência o mundo se dividia então entre trabalhadores e opressores, entre bons e maus. No mundo de minha adolescência era preciso escolher; e na minha escolha pesava a frase de José Martí: "*Con los pobres de la Tierra: quiero yo mi suerte echar*". Do sofrimento dos pobres nascia um mundo melhor; e Primeiro de Maio sempre foi para mim a festa que simbolizava esta esperança.

Então, eu queria escrever sobre o Primeiro de Maio. Mas a fatalidade muda todos os planos, até os menores. Na modorrenta tarde de sábado, 19 de abril, tocou o telefone. Era meu pai, avisando que Henrique Scliar tinha morrido. Peguei o carro e corri para o pronto-socorro, onde estava o corpo. E ali estava o cenário da minha infância, da minha adolescência — a Oswaldo Aranha, que tantas vezes palmilhei; o pronto-socorro, onde fui interno e

médico — mas este cenário agora tinha algo de sombrio, de melancólico. O ônibus ainda estava parado no mesmo lugar onde o velho Henrique perdera a vida; havia um congestionamento de trânsito, e buzinas atropavam o ar, num concerto macabro.

Henrique Scliar tinha 89 anos, e seus amigos — que eram legião — eram unânimes em dizer: uma vida bem vivida, uma vida intensamente vivida. Até o seu último dia, até o seu último instante, não deixou de fazer o que era, nos últimos tempos, sua ocupação habitual: andar pela cidade, no Centro e no Bom Fim, em busca de conhecidos a quem pudesse contar suas anedotas.

Sim, era isto que ele fazia: contava anedotas. Nem sempre eram novas, nem sempre eram engraçadas, mas eram a sua forma de militância porque inevitavelmente suas histórias eram dirigidas contra os exploradores, os imperialistas; mais que isto, estas histórias eram a sua conexão com a vida.

Saí do pronto-socorro e fui até sua casa, na Jacinto Gomes, onde ajudei a tomar as tristes providências que estas situações exigem: contatos com a funerária, avisos a parentes. Enquanto telefonava, olhava os livros de sua biblioteca. Ali estava a obra completa de Élisée Reclus, um biólogo hoje pouco lembrado, e que em sua época foi um paladino do racionalismo científico; os livros de Jorge Amado, de quem meu tio era leitor e principalmente amigo (Jorge e Zélia se hospedaram várias vezes em sua casa) e também os meus próprios livros: o tio era um grande incentivador. Arte, cultura, ciência eram palavras mágicas para ele. Não poupou esforços para que seu filho Carlos pudesse se tornar um grande pintor; e ajudou também Salomão, excelente fotógrafo e um dos pioneiros da cinematografia gaúcha. Foi um dos

fundadores do Clube de Cultura e muitas vezes o vi, durante a construção da sede, carregando tábuas junto com os operários. Era um operário da cultura, o tio Henrique. Falo em tio porque era assim que todos o conheciam, era esta a carinhosa denominação que lhe davam.

No Clube de Cultura o corpo foi velado, de lá saiu o enterro, na manhã de domingo, 20 de abril. E fiquei lembrando a coincidência das datas. Henrique Scliar morreu a 19 de abril, data do Levante do Gueto de Varsóvia, um dos episódios mais transcendentais da história judaica. A 19 de abril de 1943 os habitantes do gueto de Varsóvia, famintos, mal armados, desespe- rados, ergueram-se contra a poderosa máquina de guerra nazista, numa demonstração de coragem e de dignidade que comoveu o mundo. Henrique Scliar morreu dois dias antes da data de Tiradentes, quatro dias antes da Páscoa judaica, que celebra a libertação dos escravos do Egito. E Henrique Scliar morreu também um pouco antes de Primeiro de Maio, data que ele, velho mili- tante de esquerda, tantas vezes celebrou.

Então eu me dei conta que o tema sobre o qual pretendia escrever, Primeiro de Maio, não ficara abandonado. E sobre o que eu ia falar, falei.

Falo então desta visão adolescente que eu tinha do mundo. Para mim, o futuro pertencia aos trabalhadores; porque eles não exploravam ninguém, porque ganhavam o pão com a força dos braços. Operário eu queria ter sido, e muitas vezes amaldiçoei o destino que me faz nascer pequeno-burguês, mais pequeno que burguês, mas mesmo assim não um proprietário (um "proleta", como dizíamos, com certo humor mas não menos carinho).

Um dia vi um pedreiro num edifício em construção, asso- biando. Aquilo me deixou assombrado. Como podia um ser so- fredo assobiar? E, pior: não era a Internacional que ele assobia- va; era uma música qualquer, dessas que tocam no rádio todos os dias.

Durante muitos anos me perguntei por que assobiava o pe- dreiro. Para esquecer o sofrimento? Como reação à alienação de seu trabalho? Como protesto? Ou será que apesar de tudo ele gostava do que fazia, de empilhar tijolos, de construir algo, mes- mo que não fosse seu, mesmo que fosse uma mansão para um rico explorador?

A indignação é uma doença incurável. Tendo descoberto a miséria, nunca mais pude ser o mesmo. Mas também não con- segui descobrir por que o pedreiro assobiava. E não tem impor- tância. O importante é que assobiava. O importante é que a vida é vida, e acaba triunfando, se não numa geração, então na outra, ou na outra.

O pedreiro que assobiava, o tio Henrique que percorria o Bom Fim atrás de gente para quem contar suas anedotas — estas figuras são um símbolo. Como o é o Levante do Gueto, a rebe- lião de Tiradentes, o Pessach, o Primeiro de Maio. Honra aos que combatem. Honra aos que caíram de pé, no Gueto de Varsóvia ou na querida Oswaldo Aranha.

IV: SCLiar, Henrrique. "A Poesia das coisas
simples: crônicas". São Paulo: Compa-
nhia das Letras, 2012, pág. 107-110.